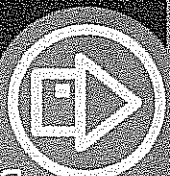


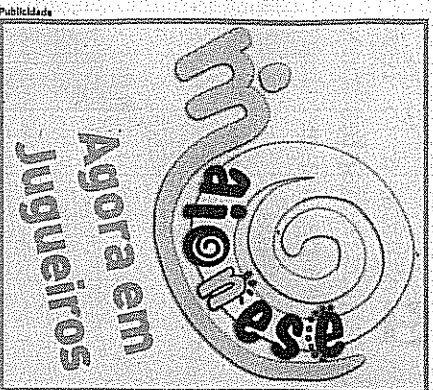
REABILITAÇÃO DE HABITAÇÕES É A NOSSA ESPECIALIDADE



WISKOTT

RECONSTRUÇÃO & INTERIORES

www.wiskott.com



Agora em
Juguinhos

UM JORNAL COMPLETO

pág. 02 > PRAÇA PÚBLICA
pág. 06 > ABERTURA
pág. 08 > A CONVERSA
pág. 10 > REGIÃO
pág. 19 > EDUCAÇÃO
pág. 20 > ESPECIAL
pág. 24 > ECONOMIA
pág. 22 > DESPORTO
pág. 25 > CULTURA
pág. 27 > SAÚDE
pág. 29 > CLASSIFICADOS
pág. 31 > CLUBE DO LECTOR

Journal do CENTRO

DIRETOR
Paulo Neto

Semanário

24 a 30 de outubro
de 2013

Ano 12

N.º 606

SEM ANÁRIO DA
REGIÃO DE VISEU

Novo acordo ortográfico

Publicidade | Telefone: 232 437 461 · Rua Dr. Alvaro Monteiro, lote 12 r/c - 3510-014 Viseu · redacao@jornaldocentro.pt · www.jornaldocentro.pt

“Viseu está disponível para liderar a CIM Viseu Dão Lafões”

Almeida Henriques, presidente da Câmara Municipal de Viseu,
em entrevista ao Journal do Centro | págs. 8 e 9



Micaela Costa



En don
Valeto

En don
2150€

smart
open your mind

>>smart.
Com o que dá, não dá hipótese.
Mais informações na Finiclasse

smart
open your mind.

Publicidade | Campanha válida até 30 novembro 2013, para motores a gasolina, linha passion. IVA incluído, não acumulável com condições froistas ou outras edições especiais. Imagem não contratual. Consumo combinado (l/100km): 4,4. Emissões CO2 (g/km): 100.

Finiclasse Viseu - Guarda
Edifício Finiclasse, E.N. 231 - Hambedos - 3500-631 Viseu - Tel. 232 470 930
Email: viseu@finiclasse.pt - www.finiclasse.pt

à conversa

Micaela Costa

“Este é um dos momentos mais felizes da minha vida política”



António Joaquim Almeida Henriques, 52 anos, casado, três filhos, natural de Viseu, Advogado, dedicou os últimos vinte e cinco anos à atividade empresarial e associativa em diversos setores. Exerceu funções como deputado, presidente da Assembleia Municipal de Viseu e da Assembleia da Comunidade Inter-municipal Viseu Dão Lafões. Foi Secretário de Estado Adjunto da Economia e Desenvolvimento Regional e vice-presidente da CIP – Confederação da Indústria Portuguesa. Passou pela presidência do CEC/CCIC – Conselho Empresarial do Centro / Câmara de Comércio e Indústria da AIRV – Associação Industrial da Região de Viseu. Hoje, é presidente da Câmara Municipal de Viseu, um “dos momentos mais felizes” da sua vida política. Em entrevista ao Jornal do Centro, o sucessor dos 24 anos de “herança” de Fernando Ruas falou da “herança” que lhe foi deixada. Do novo ciclo que vai agora começar para Viseu, da cultura, da indústria, da linha ferroviária, da captação do investimento, do turismo e do Centro Histórico. Da cidade como sua e dos visenses como parte integrante deste novo “projeto”.

O que é que lhe daria especial gosto assinar pela primeira vez como presidente da Câmara Municipal de Viseu?
Exatamente aquilo que eu vou assinar, o meu mandato, começando por presatar um tributo ao Dr. Fernando Ruas, que foi de facto um excelente autarca e que marcou estas duas décadas e meia. A minha primeira proposta no executivo será a atribuição do Viriato de Ouro ao Dr. Fernando Ruas como reconhecimento pelos serviços prestados. A segunda coisa a fazer será aprovar, de forma simbólica na primeira reunião do executivo [quinta-feira, dia 24], o programa Viseu Primeiro, para que seja transformado num plano de ação a quatro anos. Que será retificado pelos serviços, discutido e aprovado pelo executivo camarário e precedido por um debate no concelho estratégico que irei criar e que visa oscilar as forças vivas da região. E vou também solicitar ao Dr. Moita Faria que convoque uma Assembleia Municipal extraordinária, para ouvir a Assembleia sobre o plano de ação para estes quatro anos.

Ser presidente da Câmara Municipal de Viseu esteve sempre nas suas ambições? O que representa este momento?
Este é um dos momentos mais felizes da minha vida política. Sempre dei-xei que a minha vida política corresse com normalidade. Sou um político que está grato aos visenses pela confiança que me foi depositada, pela maioria absoluta que me deram para poder governar com a tal liderança firme e serena que eu prometi aos visenses, com a minha equipa e também com o programa que foi sufragado. Não foi algo premeditado, é uma meta e ao mesmo tempo o início de um novo ciclo.

Numa altura em que se fala tanto de crise, e com o novo Orçamento de Estado, como se governa de forma “serena”?
Eu tenho toda uma experiência de vida. Quando me candidatei à Câmara sabia muito bem a conjuntura em que o país estava. Tenho consciência de que os momentos que se avizinhavam não são momentos fáceis e não é por acaso que eu vou adotar como ex-libris ético do meu mandato a frase do Aquilino Ribeiro, “Alcança, quem não cansa”, porque efetivamente eu sei que este vai ser um momento em que nos vamos cansar muitas vezes, mas não vamos deixar de alcançar os objetivos a que nos propomos.

Ser presidente da Câmara Municipal de Viseu esteve sempre nas suas ambições? O que representa este momento?
Este é um dos momentos mais felizes da minha vida política. Sempre dei-xei que a minha vida política corresse com normalidade. Sou um político que está grato aos visenses pela confiança que me foi depositada, pela maioria absoluta que me deram para poder governar com a tal liderança firme e serena que eu prometi aos visenses, com a minha equipa e também com o programa que foi sufragado. Não foi algo premeditado, é uma meta e ao mesmo tempo o início de um novo ciclo.

Nas suas propostas dizia que queria tornar Viseu o “terceiro polo cultural do país”. De que forma vai trabalhar para que isso seja conseguido?
Uma das ações que nos propomos desenvolver já nos próximos dias é olhar para a cultura como um investimento e não como um custo. Calapultar Viseu para as primeiras linhas de uma cidade de eventos culturais, porque isso potencia a cultura e o turismo. Ao mesmo tempo pôr a funcionar em rede as várias instituições que atuam no domínio da cultura, criando aquilo a que chamamos um concelho cultural e que será batizado a seu devido tempo como “Viseu Cultura”. É preciso aproveitar as instituições que Viseu já tem, como o Teatro Viriato, o Conservatório de Música, passando pelas diferentes escolas de dança. O Miri-ta Casimiro tem que ter visitas mais regulares, o Pavilhão Multusos terá que sofrer um upgrade, no sentido de poder ter melhores condições acústicas, um espaço que permita acolher outro tipo de espetáculos ao longo do ano e com melhor qualidade. Já para não falar do Mercado 2 de Maio, que vai ter que voltar a ser um coração do nosso centro histórico, através da credenciação como mercado de proximidade e uma das questões a que me proponho é a possibilidade de criação de uma cobertura

para que possa ser um espaço polivalente.
Falou também numa linha ferroviária que ligasse Viseu – Aveiro – Salamanca. Como é que tudo isto vai ser possível em prática?
Tivemos na passada semana uma boa notícia, que foi a inclusão de Viseu e do corredor logístico ferroviário, acordado entre Portugal, França e Espanha, e esse é claramente um bom passo. Agora precisamos de um calendário concreto e realista. Mas esta é uma obrigação que é preciso garantir que seja desenvolvida no próximo ano quadro comunitário o apoio, designadamente a ligação de Aveiro à linha de Beira Alta e também o melhoramento da linha da Beira Alta. Irei na próxima semana ter uma reunião com os meus colegas eleitos da Guarda e Aveiro, sendo que um dos pontos da agenda será a ferrovia, no sentido



de tomarmos uma posição conjunta face ao poder central, para que haja realismo na concretização desta infraestrutura, fundamental para o desenvolvimento.

Na área da indústria, o que vai ser feito?

Vamos criar o gabinete do investidor, exatamente para pormos em prática o programa "Visu Invest"

e fazer uma maior ligação ao AICEP, e na próxima semana já vamos ter técnicos do AICEP a trabalhar connosco. Vamos também preparar um dossier para atração de investimento. O próprio PDM, recentemente aprovado, permite que haja mais bolsas de crescimento industrial, quer no Parque de Coimbra, quer nas próprias freguesias, no eixo do IP3 e IP5 e temos que arranjar uma solução para o Parque Empresarial do Mondego. Temos também que tornar a autarquia

mais amiga do investidor e desse ponto de vista vamos assumir a atratividade de Visu de uma forma diretamente ligada a uma operacionalização do trabalho da autarquia. Temos que desenvolver mecanismos de maior rapidez nos licenciamentos, quer sejam eles comerciais, industrias ou construções individuais.

Durante a sua campanha foi muito crítico ao trabalho e à intervenção dos vereadores nas reuniões autárquicas. O que pensa fazer para que isso mude?

Vou respeitar sempre o estatuto da oposição, seja no executivo camarário, seja na Assembleia Municipal. Mas não sofrirei nenhuma pressão que condicione a boa ação do executivo, designadamente as reuniões que serão à quinta-feira. As marcações à segunda-feira trariam um acréscimo de custos para o

próprio município, porque há sempre pontos que há última da hora é necessário colocar e que obrigariam os serviços a funcionar ao fim de semana com horas extraordinárias. Não me vou deixar condicionar por posições no facebook, nas redes sociais, tomarei sempre as decisões que considero mais adequadas à boa gestão do município, não deixando de respeitar o facto de poder facilitar a vida aos nossos deputados vereadores, mas dois vereadores não podem condicionar uma equipa de nove. O que eu estarei disposto a fazer é marcar as reuniões para a quinta-feira de manhã, pois os deputados não têm trabalhos na Assembleia da República nesse horário e podem vir à quarta-feira, sendo que às três da tarde de quinta-feira já estão a marcar o ponto na Assembleia da República.

E eu não quero de maneira alguma condicionar os senhores deputados de cumprimos o que é um dos seus desígnios, que é contactar com os eleitorados às segundas-feiras.

E o PS e o CDS/PP já fizeram saber, através de comunicações que esta alteração está a "irritar" e a "desconsiderar" o trabalho dos vereadores deputados na Assembleia da República...

A essa linguagem tão baixa e sem fundamento eu nunca vou responder. E ainda bem que eu nunca procurei fazer coligação com o CDS nas últimas eleições, porque de facto esta liderança do CDS e os princípios que tem demonstrado querer pôr em prática em Visu, eu não me identifico minimamente com eles. Estes assuntos são para discutir nas reuniões de Câmara e nunca me deixarei condicionar por lingua-

gem muitas vezes grosseira e mal-educada que possa ser utilizada pelos vereadores ou por qualquer partido político. O exercício da atividade política tem que ser feito de forma positiva e nobre, quem quiser estar neste processo autárquico de uma forma construtiva virá por bem, quer não quiser vir por este caminho não virá por bem. Durante a última campanha eleito-ral alguns dos meus adversários nem sempre se comportaram bem, utilizaram muitas vezes a difamação e até juízos de carácter que não foram bonitos e quero dizer a esses meus adversários que a partir da tomada de posse os contadores estarão a "zero", eu perderei, sem esquecer atitudes praticadas que não engrandecem em nada.

No seu plano de ação há uma forte aposta nas freguesias. O que é que na sua opinião as freguesias têm para oferecer a Visu?

Temos que olhar para as freguesias numa lógica de fixar as pessoas, através de boas acessibilidades e isso felizmente temos. As pessoas podem optar por viver numa freguesia e trabalhar na cidade, mas também temos que pugnar para que mais pessoas optem por fazer a reabilitação dos seus imóveis nas freguesias. Não só reabilitar o centro histórico, mas também as freguesias. Neste novo ciclo e com esta forte remodelação que tivemos nas freguesias, uma renovação que deve estar próximo dos 70%, vamos ter que acautelar o que é a proximidade, designadamente a manutenção dos espaços públicos, as reparações, os jardins, assim como obras de proximidade que são necessárias através dos contratos programa e esse é um caminho que vamos continuar a trilhar. E há um novo caminho, que é puxar pelo que as freguesias têm para oferecer do ponto de vista económico. E falamos da agricultura, da floresta e da pecuária. E a escolha de um vereador que venha a assumir o pelouro das freguesias e do desenvolvimento rural, tem como objetivo puxar por essa componente de valor acrescentado que as freguesias possam ter. Daí termos adotado o slogan de levar o Rossio às aldeias e as aldeias ao Rossio.

ACIM/Visu Dão Lafões perdeu a sua maioria no que diz respeito a Câmaras do PSD.

Como encara em termos pragmático-executivos a ação a partir de agora?

A CIM/Visu Dão Lafões é hoje uma realidade importante que tem que ser ponderada e discutida com muito bom senso. Na hora em que esta entrevista estiver a ser lida pelos leitores já eu terei contactado todos os presidentes de Câmara da CIM/Visu Dão Lafões a convidá-los para uma reunião/jantar, no início da próxima semana. Visu representa nesta comunidade intermunicipal mais de um terço da população, é claramente a âncora. Visu está disponível para liderar a CIM, este não é um problema político-partidário, é um problema de uma região e esta cidade-região que é Visu é claramente uma âncora. Aquilo que eu irei discutir é que tenhamos bom senso e ao mesmo tempo que se mantenha a tradição dos últimos anos, sobretudo as decisões que sempre foram tomadas em unanimidade, os municípios colocaram o interesse da região acima do interesse político-partidário e esse caminho que eu espero que continue a ser feito.

Certamente vai continuar a querer que Visu seja a melhor cidade para viver...

Visu tem que ter uma mensagem para quem cá vive e para quem nos visita. Queremos manter este conceito de melhor cidade para viver, como Visu cidade jardim, cidade limpa. Que tem estruturas organizadas, uma boa arquitetura, uma cidade bem planeada. Temos ao mesmo tempo que ter uma cidade para quem está, mas ao mesmo tempo encontrar formas de nos tornarmos mais atraivos. E quando falamos em cultura e na requalificação do nosso património estamos a trabalhar para que cada vez mais forte.

E como vai ser Visu de Almeida Henriques?

Será seguramente uma cidade com os valores que hoje já tem. Uma cidade que vincula e fixa a sua população seduz turistas e novos residentes e atrai investidores e novos investimentos. Uma comunidade atrativa para viver, trabalhar, estudar e visitar. Uma cidade que não deixa ninguém para trás, seja no domínio da educação seja no domínio das populações mais senior.